

6. Conclusão

Diante da vastidão do tempo e da imensidão do universo, é um imenso prazer para mim dividir um planeta e uma época com você.” (Carl Sagan)

“O design tende ao infinito...”. (Rafael Cardoso)

Sabemos que existem diferentes definições e interpretações para as atividades desenvolvidas pelo design, as quais são influenciadas por vários fatores, tais como contexto histórico, cultural, econômico, político, geográfico e outros. Percebemos que dentro do amplo campo de conhecimento, o design oscila ora nas artes, ora na ciência, ora mais na tecnologia.

Diante tais conceituações e história do design, entendemos que a prática projetual básica da profissão propicia a materialização de uma ideia. Ou seja, tende a dar uma existência concreta seja através de produtos ou de grandes obras. Certamente, por trás disso, há sempre o objetivo de atender às necessidades diversas dos indivíduos da nossa sociedade.

Entretanto, ao verificarmos a trajetória do Design, verificamos que houve uma mudança significativa no foco das nossas práticas, do design centrado no objeto para o ser humano. Com isso, começamos a perceber melhor a questão simbólica dos objetos, isto é, o que eles significam e representam para nós.

Em paralelo, sentimos cada vez mais que todos nós estamos vivendo um período de transição e mudança de valores. Isso reflete em vários setores da sociedade e não podia ser diferente para o Design. Assim, percebemos que o foco das práticas da profissão está sendo direcionada para as relações buscando fomentar a desmaterialização.

Contudo, esse movimento está ocorrendo de forma progressiva e para que possamos aperfeiçoá-lo, é necessário que nossas ações se ocupem e preocupem prioritariamente com a relação entre as pessoas para além dos objetos e que estejam baseados no compartilhamento de ideias e criações coletivas.

No momento que olhamos para as necessidades básicas de sobrevivência das pessoas, encontramos os valores, ou seja, os sentimentos genuínos que nos vinculam fortemente uns com os outros, como seres humanos interconectados e

interdependentes habitando um planeta. Logo, entendemos que todas as áreas de conhecimento tem por objetivo um mesmo fim, o que propicia além da multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade. Bem como a aplicação de um pensamento sistêmico visando ações integradas.

No que se refere ao ensino em design, acreditamos que a existência de nichos, melhor dizendo, disciplinas específicas que adotam os valores da responsabilidade social e ambiental ainda é insuficiente e esperamos que em um futuro próximo, esses valores pautem e guiem qualquer atividade de qualquer área do design.

Em função das adversidades e limitações existentes no contexto global, adotar a visão holística pode ser uma grande contribuição do design para ajudar no equacionamento dos desafios do nosso mundo complexo, bem como direcionar esforços para ações locais se mostram mais viáveis.

Dessa forma, compreendemos que o design é um campo de possibilidades imensas no mundo complexo em que vivemos. Por isso, é de suma importância o incentivo à pesquisas, as quais sejam executadas através de metodologias sistêmicas para fortalecer o diálogo e ultrapassar as zonas de fronteiras entre os campos do conhecimento. Essa foi a nossa proposta nesta dissertação através das interações entre design, geografia e ciência dos materiais para enfrentar os focos desafiadores do trabalho.

A realização dessa dissertação através de processo experimental com foco em um território foi apenas um primeiro passo dado na tentativa de aplicar os conceitos estudados.

A Amazônia é um lugar exuberante, cuja vida também está sujeita aos desequilíbrios dos fluxos interdependentes do planeta, afetando também diretamente as populações que nela constituíram-se e vivem.

A castanha do Brasil, por ser uma espécie endêmica, pode entrar em risco de extinção se não for manejada de forma sustentável. Assim, a utilização de seus resíduos é uma boa alternativa para exploração desse recurso renovável. Por isso, enfatizamos o estudo dos produtos da sociobiodiversidade e das sociedades invisíveis da Amazônia. Onde conseguimos obter requisitos projetuais para o processo experimental de desenvolvimento do material.

O material compósito fabricado com o ouriço da castanha do Brasil e resina vegetal, só foi possível a partir do entendimento da relação entre o processo de

fabricação do compósito e realidade local das comunidades ribeirinhas que podem ser beneficiadas futuramente.

Por essa razão, mais que o próprio material desenvolvido, essa pesquisa gerou uma tecnologia social passível de transferência, uma vez que atentamos também para o processo produtivo do compósito. Neste ponto conseguimos obter um método de produção artesanal com baixa utilização de energia.

A preocupação com o modo de fazer, levando em consideração o tempo de preparo do material e maquinário utilizado resultou em um material compósito constituído de 70% de fibras naturais e 30% de resina vegetal. Essa proporção nos revelou um material com ótimos índices de resistência à desgastes, o que viabiliza sua aplicação em piso. Dado validado após ensaio de abrasão realizado com o material escolhido.

Desse modo, torna-se cada vez mais necessário e justificável a implementação de ferramentas que possam auxiliar a criação de produtos e serviços sustentáveis, sobre os quais possam atuar os elementos indispensáveis à redução dos impactos ambientais, assim como o uso racional dos recursos naturais.

Ainda, a experiência da visita na comunidade do Uixi proporcionada por essa pesquisa foi de suma importância para percebermos o quanto é necessário que nossas atenções estejam voltadas para as dinâmicas, conexões e sincronidades que nos cercam em todo o ambiente e todo momento.

Igualmente, nos levou à admiração máxima e fascínio pela complexidade existente em cada ser vivo, representado aqui pelas estruturas vegetais da espécie estudada. Bem como, as relações de causa e efeito que ocorrem anualmente nos períodos de safra de acordo com as interações realizadas entre extrativistas e castanheiras.

Quanto aos experimentos do material, entendemos que há muito para ser estudado em busca de novas combinações e possibilidades, principalmente para esclarecer e sustentar além da viabilidade técnica, a econômica para que seja possível realizar a transferência dessa tecnologia a diferentes comunidades amazônicas.

6.1

Sugestões para futuros trabalhos

Sugere-se que outros ensaios físicos e mecânicos sejam realizados a fim de complementar o estudo da caracterização e viabilidade técnica do material. Bem como, fazer um aprofundamento no estudo das propriedades químicas das fibras, fazendo categorização das fibras por época da safra e grau de degradabilidade. Em paralelo, pode ser interessante realizar novos experimentos testando cores e outras resinas, principalmente originárias da Amazônia, tendo em vista a viabilidade econômica. Ademais, aplicar em outras formas e elementos construtivos para verificar maiores possibilidades de uso e aplicação do material, como em pequenos artefatos decorativos e/ou construtivos, como telhas.